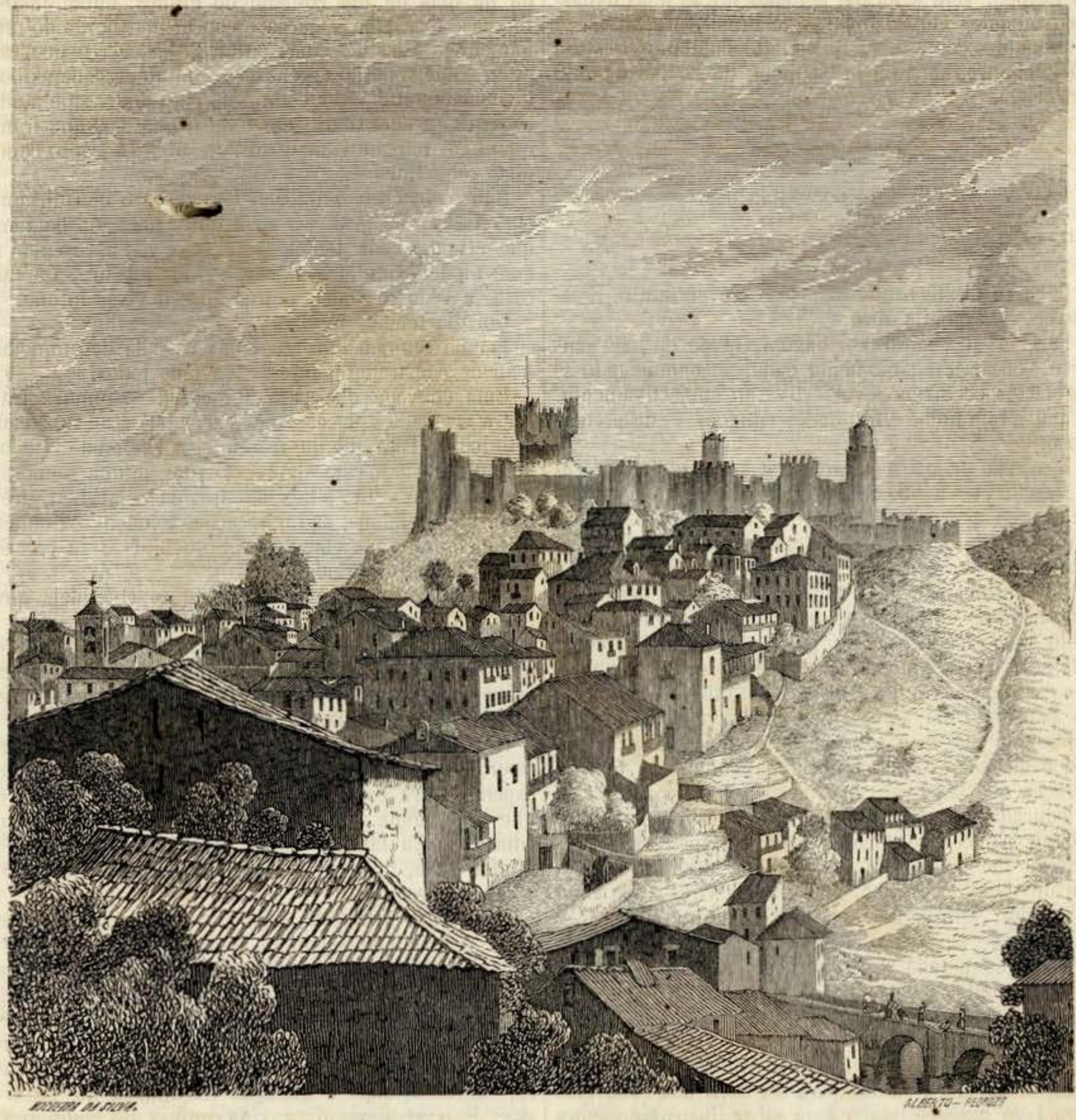
PROVINCIA DE TRAZ-OS-MONTES



Cidade de Bragança — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Lopes Mendes

Esta cidade transmontana goza do singular privilegio de dar o seu nome á dynastia reinante, começada no oitavo duque de Bragança, acclamado pelo povo de Lisboa em 1640.

Bragança é além d'isto cidade episcopal, praça d'armas, e uma das dezesete administrações civis do reino. Está situada junto ao rio Fervença, que entra no fosso de suas muralhas, em amena e fertil campina. Ficam-lhe perto as ruinas da antiga Brigantio, cuja fundação attribuem os fabuladores a Brigo, rei de Hespanha, 1906 annos antes da era christã. O que se sabe é que a cidade actual foi povoada por D. Sancho I em 1187. Tanto a cidade como o castello, e um forte situado ao N. O., são de tal modo dominados pelas alturas circumvisinhas, que nenhum d'estes tres pontos é defensavel.

Parte da muralha do castello foi demolida em 1762 pelos hespanhoes, que tambem arruinaram o forte. Tem ainda algumas fabricas de veludo e seda, outr'ora de grande fama em toda a peninsula; hoje estão em decadencia. Todavia ainda em 1846 exportou os seguintes valores: Em belbutina 41:500$000, chitas 42:000$000, lenços de algodão 45:000$000, pannos de linho e de algodão 80:000$000, lã bruta e em chapeos, 11:000$000; além de outros muitos artigos miudos de sua producção e manufacturados no paiz, ao passo que a sua importação não excedeu a 13:000$000. É a mais importante alfandega sêcca ou interior de todo o reino.

Esta cidade, outr'ora capital de toda a provincia de Traz-os-Montes, partilha hoje com Villa-Real a sua administração ou governo civil. O districto contém 187 legoas de superficie, 122.932 habitantes. O governador militar reside em Bragança ou em Chaves.

É, como já notámos, cabeça do ducado de Bragança, que el-rei D. Affonso V instituiu em 1442. Foi seu primeiro duque D. Affonso, filho del-rei D. João I, o qual casou com D. Beatriz, filha do condestavel D.

Nuno Alvares Pereira. Em 1640, D. João IV, seu descendente, e oitavo duque de Bragança, subiu ao throno em consequencia da revolução de Lisboa que arrancou Portugal ao dominio da Hespanha. A casa de Bragança, hoje aparentada com quasi todos os monarchas da Europa, veiu a formar actualmente as duas dynastias reinantes em Portugal e no Brasil.

Bragança conta hoje uns 4.000 habitantes, está a 10 kilometros da raia hespanhola, 36 do Porto, e 80 de Lisboa.

LEITURAS FAMILIARES

I

Debaixo d'este titulo póde-se escrever muito. E escrever-se-ha porventura.

Farei d'estas leituras o daguerreotypo do meu sentir e pensar n'um momento dado, accommodando-as aos factos occurrentes, objectiva ou subjectivamente. É um programma illimitado, singelo e despretencioso.

E n'esta primeira tocarei um ponto que merecerá, creio eu, a consideração de quem lê, e para o qual peço a dos que escrevem. É momentoso o assumpto e de incalculavel alcance para o futuro. Venho fallar da instrucção das mulheres.

De pensado não digo educação, pois que nem sei o que hoje se entende por tal coisa, e muito menos creio que nos jornaes se possa dar educação como ella deve de ser em boa razão. Apenas instruir é a missão da imprensa, e para mim tenho que é só um terço do educar. Uma parte integrante isso é. E mesmo acrescento que bem se póde ter como principio e gerador de toda a educação. Entendamo-nos. Para a geração que hoje vae, instruir não é educar. Ou está já educada, e a instrucção é para ella um enfeite para melhor parecer; ou não o está, e a instrucção converte-se-lhe em verniz postiço, que posto ao de fóra lhe dê visos de primor, não alcança virar a seu geito o interior. Educar é nutrir de pequenino. Quem já é robusto não se presta a educação, ou fica-lhe perdido o empenho e toda a boa vontade. A força dos habitos contrahidos ha de reclamar em todo o tempo, revelando a primeira feição que veiu do berço com o primeiro ensino.

Mas a instrucção de hoje é a educação para amanhã. É semear no outono para ver florir na primavera. Para bem nutrir é mister bem saber. Instruindo agora dâmos o saber que mais tarde irá converter-se em educação para os que vierem. Cumpre-nos pois instruir se quizermos educar. É trabalhar no presente para o futuro. Mas devemos fazel-o em consciencia.

Ora disse eu que não sei o que hoje se entende por educação. É uma verdade. Vivi algum tempo por casas ditas de educação, conheci outras de informações fidedignas, estou vendo todos os dias gente nova que sae dos collegios, e vejo que os resultados praticos não correspondem á realisação das idéas que tenho do que seja educação. Uns vem sabendo muito de linguistica, humanidades e bellas-artes, mas rudes e acanhados no apresentar-se em sociedade: outros primam no codigo do bom tom, comprimentam-se em francez de gesto e linguagem, fallam de todos e com todos, mas no fundo estão vasios de saber, estereis de estudo consciencioso, inhabeis muitos para entrarem na vida activa.

Dêmos porém que todas estas qualidades se reunam, que o saber e a cortezia se dêem as mãos, está esse individuo educado? Se perguntar a opinião de cem pessoas, noventa e nove dirão que sim.

Entremos no seio da sociedade. Supponhamos uma reunião de quinhentas ou seiscentas pessoas, todas de condição alta e civilisada, e perguntae á primeira que vos vier ao encontro quem ha ahi de educação mais fina e esmerada. Dizem-vos: «Além está, é aquella menina que se apresenta hoje a primeira vez, chegada ha dias de um collegio de França. Falla quatro linguas, toca piano, harpa e concertina, borda de mil maneiras, sabe desenho, pintura, historia e geographia. Vêde o garbo e gentileza com que recebe as homenagens; atténciosa como está para tantos que a admiram; que galanteria em tudo o que diz, que franqueza em seus movimentos! Teve uma educação completa, aquella.»

Não exaggerou o informador, [illegible] o que diriam, porventura, do primeiro ao ultimo, todos os homens que alli estavam. Deixae-o, e fazei-vos apresentar a esse modelo das boas educações. Ide procural-a a sua casa, e vêde se podeis entrar no seu viver intimo.

Um dia tomaes lá chá.

É uma reuniãosinha de familia. Nada de etiquetas nem de constrangimentos: á vontade todos.

Uma chavana que para a menina costumava trazer a criada, esqueceu. Devia não ter assucar, todas o tinham. «Para que me trazem chá temperado? Quem deitou assucar n'este chá?» «Fui eu, minha senhora, esqueceu-me.» Os olhos da menina scintillam, tremem-lhe os labios, as imprecações rompem aviltantes e impetuosas, e a chavana vae quebrar-se na parede a dois dedos da criada.

Basta. Dizei-me em consciencia se entendeis que essa mulher seja o prototypo de educação?

Dizei-me se tudo o que fizeram d'ella foi mais do que armar á vista, e se não vêdes n'essa pequena acção uma prova infeliz de que está cru e maninho o interior d'essa mulher.

E todavia é bem certo que fizeram o que podiam fazer, e que o mais escrupuloso não póde exigir nem esperar outra coisa do melhor collegio. É mesmo o que geralmente por ahi exigem, e o a que chamam educação. Eu tal não posso. A idéa falsa estará da minha parte, mas por em-quanto não cedo nem troco o meu pensar.

O collegio não póde, não. Em tres ou quatro, em seis ou sete que sejam os annos que se está n'um collegio, não sobeja minuto do lidar quotidiano para um milhar de coisas que se requerem estudadas pelo educando. Nem é o sentimento theoria que se exponha, ou arvore que pegue de estaca. Semeia-se imperceptivel, germina vagaroso, desabrocha debil e tenro, muito cuidado e attenção continuada lhe dá vigor. E o sentimento, a vida intima do individuo, certo numero de principios puros e altivos sobre os homens e sobre as coisas, deve dal-o a que for educação perfeita. D'onde se segue que a instrucção, profunda e variada mesmo, não constitue nem suppre a educação. Instruir póde qualquer mestre: educar já não. É necessario poder inspirar, e isso só o conseguirá quem de si tenha o que haja de passar a outrem. Ser educado é ter sentimentos, é ter consciencia, é ter coração: coisas que um erudito póde bem dispensar.

E comtudo, já era coisa excellente que os mestres dos collegios fossem eruditos. Estão bem longe d'isso os mais d'elles, e ahi está como dos collegios pouco ou nada se póde esperar de educação.

Nem queirâmos impossiveis. Acceitemos dos collegios e dos mestres o que a elles lhes incumbe, e busquemos n'outra parte o que n'elles falta. É o mais sensato.

Onde pois?

Na familia.

A idéa nem é minha, nem nova, nem ignorada. Trouxe-a aqui para o intento que vou expor.

Se na familia está a educação possivel, e unicamente possivel, das gerações que tem de vir depois

de nós, todo o nosso empenho de hoje deve convergir para habilitar convenientemente a familia ao desencargo da obrigação alta e melindrosa que lhe confiâmos.

E que temos feito n'este sentido?

Ha ahi dezenas de jornaes, outros tantos representantes do saber humano n'um ou n'outro de seus diversos ramos, e nenhum, se póde dizer, que haja tido a idéa de dedicar a minima parte a este objecto. Bem pouco nos deve a mulher, de quem só nos lembrâmos para nosso interesse!

Pois bem, deixemos de consentir que pése sobre nós toda a responsabilidade d'essa arguição, e comecemos desde já a escrever coisa que seja para ser lida e aproveitada por mulheres. Não póde ser todo, nem era necessario que o fosse, mas uma pequena parte do jornalismo ageitemol-o ao paladar feminino. Ha muito que lhe convém saber; e tambem é muita a vontade que ellas tem de saber. Que lhes não fique baldada a intenção quando tomam um jornal para ler.

Composições amenas, na materia e na fórma, sejam uma parte indispensavel de qualquer de nossos jornaes. Se ha vinte leitores que prefeririam um extracto do *Diario*, outros a conta corrente dos fundos estrangeiros, ha uma consideravel maioria que só lê essa parte. Um jornal que tenha dois mil leitores, tem pelo menos mil e quinhentas leitoras, e teria muito mais logo que o assumpto lhes convidasse a curiosidade.

Estes nossos escriptos são filhos d'esta idéa. Irão singelos na fórma, n'aquelle *nativo desdem da nossa falla*, que tão conveniente é como agradavel, e procuraremos tornal-os uteis na materia. Não os leiam os sabedores, que para elles não valem. Muita vez nos occuparemos quasi de bagatellas, servindo de estimulo para outras coisas, ou de descanço para horas de enfadamento.

Se alguns collegas acharem que não desmerece consideração esta idéa, ser-nos-hia de muito contentamento vêl-os empenhados em nos excederem na execução.

II

N'este mundo tudo é real. É necessario não deslembrar esta verdade, ou sermos victimas muita vez de nossa propria imaginação. O mau costume, ainda hoje geral, de nos embalarem a infancia com phantasmas ou allegorias, profunda-nos de tal modo a tendencia para o maravilhoso, que a todo o poder da razão é, mais tarde, muito difficil ver claro os acontecimentos da vida que não tenham andamento ordinario e conhecido. Devemos pôr peito contra similhante desvario. Ensinemos ás crianças verdades, e só verdades, singelas como o seu espirito, engraçadas como a sua innocencia, proveitosas como lhes convem. É seguir por vias rectas a indicação da natureza. Todos nós sentimos que a verdade é tão precisa ao espirito como o pão ao corpo. A qualquer infante dê-se a ler a historia da *Bella e da Fera*, ou a fabula da *Formiga e a Cigarra*, que a primeira coisa que nos vem perguntar é se houve tempo em que as alimarias fallassem, em que houvesse gente encantada, e se hoje ainda é o mesmo, em que terra succede isso, e outras coisas assim. D'onde é de ver, que além do gosto outra faculdade da alma é mister satisfazer. Attendamos a isto, e demos-lhe alimento. Embora lhes contemos contos, que lhes são delicias n'essa edade, mas nunca inverosimeis, mas sempre com fundo real que elles vejam no fim de tudo. Ahi vae um accommodado ao intento.

— Havia uma casa, grande, bonita e de bons commodos, que ninguem queria habitar. Dizia-se que apparecia lá medo. Quem espreitava por fóra via que á meia noite em ponto apparecia luz no ultimo andar, estando as portas todas fechadas e as casas sem ninguem.

Ora é de saber, que precisamente n'esse andar tinha morrido, havia pouco, uma mulher que lá morára muito tempo, e que, desde a sua morte, todas as noites, áquella hora, é que apparecia a tal luz. D'onde corria voz que vinha do outro mundo a alma penada da pobre mulher, que certamente não podia entrar nem no ceo nem no inferno. Alguns descridos riam do dito quando o ouviam, mas a vista tirava dúvidas aos mais teimosos.

A luz tinha tanto de infallivel no vir como de variavel no estar. Havia noites em que esmorecia com o arrebol da manhã; outras em que se demorava uma ou duas horas; algumas em que se mostrava n'um instante apenas; umas vezes accendia-se branda, fulgurava brilhante, abatia depois, para vir a extinguir-se a final por graus sensiveis mas vagarosos: e uma vez, ao menos, se lembravam todos de a ter visto apagar-se de repente no maior esplendor do seu brilhar. E parecêra-lhes ouvir um estrondo desusado e um brado estranho. Aterrou a novidade, mas não a houve mais. D'ahi em diante a luz foi sempre a mesma.

E mezes eram passados quando um homem se apresentou, e disse, que se lhe dessem certa quantia de dinheiro, ia elle ver o que era o medo. Tomaram-no por doido, ou, ao menos, por cansado de viver. Entretanto acertaram o preço e destinaram a noite.

Só uma condição tinha elle posto. Era que o esperassem na vinda, para se desenganarem, indo com elle lá acima verem que o medo era nada. Isto é o que elle dizia; o que pensava sabe-o Deus.

Chegou a noite e as onze horas. O homem estava deitado na propria cama onde tinha morrido a defuncta, e em volta da casa esperava muita gente, com o coração em ancias, pelo que ia succeder.

Deram onze e meia.

Apesar de toda a firmeza que tinha mostrado diante de gente, quando se viu só n'aquella casa, e áquella hora, o homem afoito levou a mão á testa, e retirou-a banhada em suor frio. O coração batia-lhe forte e descompassado, a luz que o alumiava parecia-lhe tremer de um modo exquisito. Se o vento fazia bater uma vidraça, se um rato raspava no forro, se uma caliça caía da parede, os cabellos punham-se-lhe como espetos, os calafrios percorriam-no todo, e mais de uma vez teve tentações de partir escada abaixo, chamassem-lhe lá o que lhe chamassem.

Mas logo socegava. O quarto era pequeno, via-o bem todo, tinha as portas fechadas, e, sobre tudo, tinha ao alcance da mão um par de pistolas carregadas.

Tomou-as, poz-se a examinar-lhes os feixos, a experimentar o gatilho, e metteu-lhes dentro a vareta. Estavam cheias até quasi á boca.

«Deixem vir o medo» pensou elle.

E sorriu contente de si.

N'isto deram tres quartos.

«Bem, murmurou elle: mais um quarto de hora, e estou a braços com o phantasma. Ha de ter que ver, ainda assim. Pobre mulher! Quem te diria a ti, tão innocente e socegada durante a vida, que porias susto a tanta gente depois de morta!»

Sentou-se na cama, e esperou.

Volveram cinco minutos.

A agitação que o tomára a principio estava agora dissipada quasi. Estava-lhe parecendo ridiculo e incrivel quanto se dizia d'aquella casa. A larvas de imaginação attribuia tudo, larvas que davam em nada á simples luz de uma vela.

«Nem que do outro mundo podesse alguem voltar a este!» continuou pensando. «Quem vae não torna, desgraçadamente. Pois tenho pena. Ainda havia de

ser interessante a conversação com alma do outro mundo. Não é lá a terra da verdade?»

E rindo, acrescentou em voz alta:

«Ora venha, senhor phantasma, que lhe havemos de fazer as honras da casa.»

Deu meia noite.

A primeira badalada fechou-lhe o sorriso, a segunda poz-lhe um nó na garganta, a ultima deixou-o atalhado e hirto.

Entretanto o silencio continuava absoluto. A hora fatidica não produzíra o menor indicio de novidade.

Houve um momento que lhe pareceu um seculo; mas passou. A confiança voltou-lhe, os musculos distenderam-se, e ria então, ria muito, e em boa consciencia.

«Pois não se diria que tive medo!? Lá váe. Esperemos ainda um quarto de hora, e acabou-se tudo. Vou dormir.»

Apagou a luz e fechou os olhos.

Não eram passados tres minutos quando um ruido novo lhe deu abalo. Acordou estremunhado, olhou em volta, e viu luz pelo buraco de uma fechadura. Depois abriu-se uma porta, e um vulto branco, esclarecido por uma luz trémula, caminhava a elle com passos firmes.

Sentou-se, tomou as pistolas e bradou:

«Quem vem ahi?»

Não houve resposta. E continuou a caminhar.

«Quem vem ahi?» bradou segunda vez fóra de si.

Não havendo ainda resposta, disparou a pistola, ouviu um grito, o vulto caíu, e elle saltou-lhe por cima, e achou-se na rua.

«Do ceo ou do inferno, lá está morto o medo» exclamou elle, a quem primeiro encontrou.

No outro dia ao pino do sol foram lá. E o que viram era de lastima. Uma donzella na flor da edade, em roupas brancas, jazia de bruços aos pés da cama. Ao lado estava partida uma véla de cêra. Erá morta, e bem morta, que a bala atravessára-lhe o seio de lado a lado!

Como, e a que veiu alli? Simples e naturalmente. Era visinha paredes meias com a finada, assistíra-lhe na doença, em sonhos a visitava áquella hora. A pobre moça era somnambula: acordou do sonho na realidade da morte. Uma porta interior communicava as duas moradas, viram-na aberta, entraram por ella, explicaram tudo.

Os espiritos noveis são promptos em conclusões naturaes. É facil de ver que houve alli uma desgraça, filha legitima d'uma imaginação preoccupada. Aliás aquelle homem teria visto logo o que mais tarde viu; poupára uma vida e um remorso. E comtudo não fez mais do que outro qualquer. A razão só vence a phantasia a discutir; a obrar não.

Mas a tendencia para o maravilhoso é fructo de educação mal dirigida, ou virá congenita de nossa propria natureza?

Nem a resposta é facil, nem indispensavel para o nosso caso. Dêmos de bom grado que a natureza tenha parte, é certo que a educação tem quasi tudo em nossos prejuizos. Uma pequena consideração o revela. Não ha duas crianças que tenham medo da mesma coisa, se de pensado ou por coincidencia casual não houverem sido com ella acalentadas. Uma tem medo do papão, outra foge do preto, a terceira do homem das botas. Sempre um objecto de convenção.

Pois entremos em reforma. Luz e verdade sejam os primeiros fundamentos de educação que dêmos á infancia. Acabem para sempre as bruxas, os lobis-homens, os espiritos, os maus olhados, os quebrantos, os agoiros, essa infinidade de teias de aranha que nos enredam e peiam o desenvolver da intelligencia. O proveito será grande para os que vierem; para nós a satisfação de ter cumprido um dever.

J. Simões Ferreira.

NINHO OU BERÇO DE PTILONORYNCOS

A familia dos ptilonoryncos, classificada por Swainson como uma subfamilia dos estorninhos, fórma um grupo natural e geographico, porque não abrange senão aves pertencentes á Asia, á Malasia, ou á Australia. São aves de bico grosso e curto, e plumagem assetinada.

O passaro que a nossa gravura representa, bem como grande numero das aves da Australia, dá-nos o mais extraordinario typo que se póde imaginar da construcção do seu ninho ou berço. Parece que se está lendo um conto arabe, quando se ouve referir o modo por que estes architectos edificam os seus palacinhos.

Chamou-lhes Swainsou *bower-birds* (passaros constructores). Não só lhes servem de ninho, estas vivendas, mas tambem de pousada de reunião e de recreio. E com tal engenho e gosto os edificam, que nenhum outro irracional conhecido os eguala.

Estas construcções, e as suas collecções (porque tambem são muito amadores de raridades), tinham dispertado a curiosidade dos viajantes, que não sabiam a que attribuir a causa do phenomeno que se lhes deparava nos mattos. Foi o sabio Gould quem a final revelou este segredo. Conseguiu elle espiar os operarios durante o trabalho, e apanhar dois berços completos, um dos quaes offereceu ao museu nacional de Londres e outro ao museu de Leyde.

Eis como elle os descreve:

A base do edificio consta de uma larga plataforma um tanto convexa, feita de varas solidamente entrelaçadas. Ao centro se levanta o berço, feito egualmente de varinhas enlaçadas ás da plataforma, porém mais flexiveis. Estas varas, recurvadas na ponta, vão subindo até formar abobada, e o encanastrado do berço é de tal modo, que as curvas das varas ficam todas para fóra, de maneira que não façam obstaculo á passagem das aves. A elegancia d'este berço é realçada pelos ornatos que revestem e atapetam o interior e a entrada. Os ptilonoryncos acarretam para aqui todos os objectos de côres brilhantes que podem alcançar, taes como pennas de papagaio, conchinhas, etc. Umas pennas são entrelaçadas na urdidura do berço; outras com ossinhos e conchas juncam o chão. Como a pêga, estas aves tem o costume de furtar tudo o que lhes convem, e isto é tão sabido dos indigenas, que quando lhes falta alguma coisa, por exemplo, um tubo do cachimbo, ou qualquer objecto que possam ter perdido no matto, vão logo procural-os nos berços, seguros de lá os encontrar.

Eu mesmo, diz Gould, achei á entrada de um d'estes berços, uma pedra de Thomahawh, de pollegada e meia, delicadamente lapidada, entre umas tiras de algodão azul, que os passaros tinham naturalmente trazido d'algum acampamento de indigenas.

Diz o mesmo viajante que não tem por averiguado o para que serve esta especie de caramanchões. Suppõe que não são para ninhos, mas sim para logares de reunião, onde se juntam muitos ptilonoryncos de ambos os sexos no tempo da incubação.

O que parece é que a intelligencia d'estas aves não se limita sómente a agenciar os meios da sua conservação e reproducção; aspira tambem aos gozos do luxo e dos prazeres da vida, como orientaes que são.

O amor reciproco, que por outro nome se chama amizade, diz Aristoteles que o não póde haver senão entre eguaes.

Padre Antonio Vieira.

HISTORIA DE DUAS PESSOAS FEIAS

(IMITAÇÃO DE MERY)

(Conclusão. Vid. pag. 114)

Não poderia descrever-se a alegria de Elesbão: finalmente havia trocado algumas phrases com um ente humano!

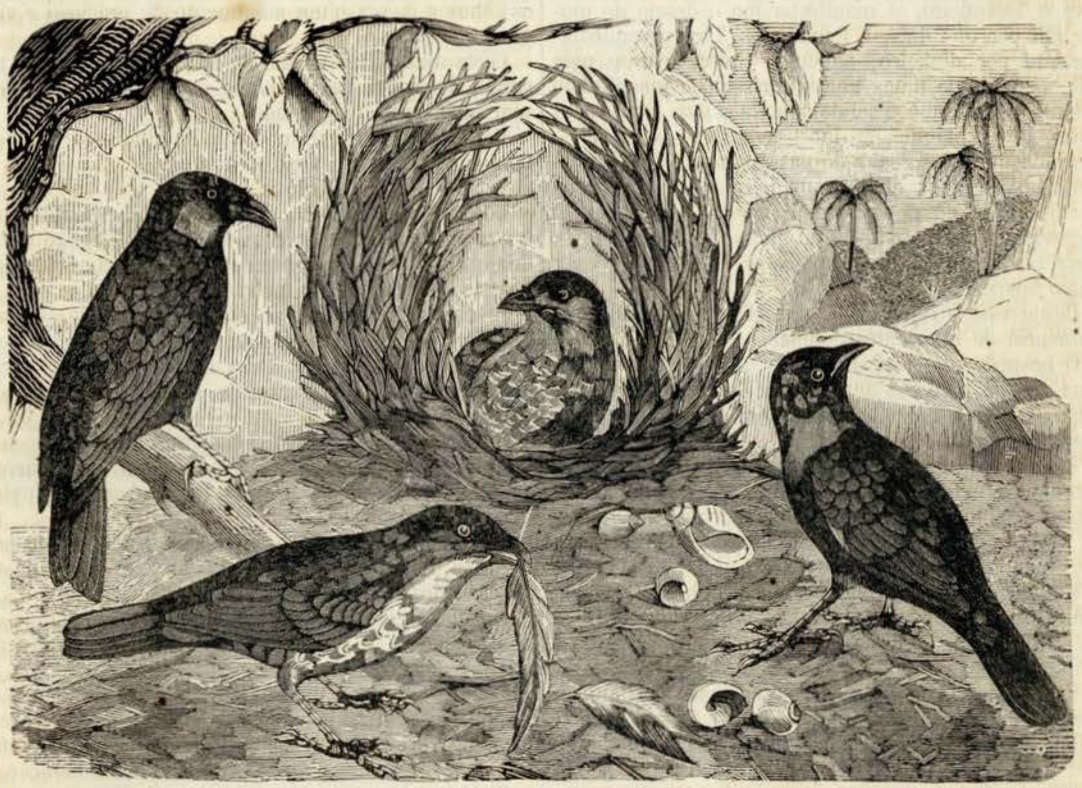
A sua felicidade era a de um naufrago que, havendo habitado vinte annos uma ilha deserta, de boca fechada por não ter interlocutor, encontrasse subitamente dois ouvidos abertos entre uma fronte baptisada, e fizera uma orgia de conversação!

Ergueu-se por fim, e não tendo jornaes para ler no intervallo de dois pratos, tornou a pôr-se á janella para beber o absynthio economico dos campos.

A menina continuava a estar no jardim, mas Elesbão não podia ver-lhe a cara. D. Bibiana caminhava em passo melancolico, como se visitasse um cemiterio; parava por vezes, e olhava para a relva como um botanico enfastiado.

O ruido da chegada do segundo prato fez correr Elesbão para a mesa, escondendo-se atraz do biombo do seu fiel *in-quarto*.

— Ora diga-me alguma coisa d'este coelhinho, que Deus haja! — disse irreverentemente o taberneiro, enxugando os dedos, mais cozidos do que a comida.



Ninho ou berço de ptilonorynços

—Vocemecê é discreto, disse-lhe Elesbão, e eu estou prompto a pedir-lhe outro prato ainda, se me contar o motivo da ruptura do casamento da sua visinha com o primo.

Esta corruptora proposta fez scismar o locandeiro. Elesbão inclinou-se, ou antes, debruçou-se todo sobre o coelho,

— É que, disse o taberneiro em voz baixa, se vossa senhoria visse a menina Bibiana fazia o mesmo que o primo.

— Ah!

— É o que lhe digo. Ponha na sua idéa, que essa pobre menina é mais feia que os sete peccados mortaes!

O nariz de Elesbão já divagava no molho.

— Tão feia, senhor, proseguiu o homem, que nem póde ir á egreja ao domingo, porque os gaiatos far-lhe-hiam alguma surriada!

Elesbão pediu ao ceo que lhe enviasse um *in-folio*, por já não lhe bastar o *in-quarto!* A cabeça inebriada pelo sangue, crescia a olhos vista, e trasbordava das margens do livro protector.

— Agora, disse o taberneiro, já sabe a razão, e vou preparar-lhe outro prato!

Saíu.

O appetite expirou no peito de Elesbão, e o sentimento que acordou n'elle a confidencia do taberneiro tinha um caracter de sensação particular.

Caminhou para a janella com uma estranha curiosidade, aliás natural, e d'esta vez foi-lhe concedido ver a cara da visinha.

Com quanto habituado, havia vinte annos, ás formidaveis verdades do seu espelho, Elesbão confessou a si mesmo, immediatamente, que a fealdade de Bibiana não tinha rival no universo, incluindo a zona dos hottentotes.

A cara d'esta donzella produziu em Elesbão o effeito de um espelho que engrossa os objectos; o que ella tinha principalmente de mais notavel era a ausencia quasi completa da testa e dos olhos; é certo, porém, que o nariz compensava esta dupla ausencia com uma prodigalidade monumental.

A boca estendia-se para limites desconhecidos; o queixo descia verticalmente em ponta d'osso sobre um pescoço d'ave de rapina; e cada feição prestava o seu melhor contingente para um todo que irritava a vista que se atrevia a fital-a.

Elesbão, todavia, que tinha boas razões para não ser difficil em coisas d'este genero, affrontou corajo-

samente o rosto de D. Bibiana, como um heroe affronta um perigo conhecido.

Encontrou em seguida um vivo prazer em observar todos os crimes d'essa fealdade horrenda, e a cada descoberta alegrava-se elle no fundo do seu coração.

No fim do exame, Elesbão haver-se-hia precipitado aos pés da donzella, se a janella fosse mais proxima do chão.

A' scismar, a scismar, voltou para a mesa, ora com ar inquieto, ora sereno.

Um espectador, que se atrevesse a analisar n'esta occasião o rosto do nosso homem, haveria adivinhado que o infeliz viandante estava sentindo na sua alma uma verdadeira revolução.

No fim do jantar, Elesbão, animado pela invencivel fealdade da visinha, atreveu-se a fallar face a face com o locandeiro, e manifestar-lhe o desejo de morar alli por uns dias, a tomar ares. Puxou immediatamente por dinheiro, agitou-o, tiniu, brincou com elle, e á luz de umas libras loirissimas que Elesbão patenteou, foi-lhe concedido aquella saleta, com a condição, já se imagina, de mostrar o seu passaporte.

Ainda que os signaes do passaporte de Elesbão estivessem escriptos de uma maneira illegivel, porque o empregado do governo civil estava, em quanto o escrevia, n'uma convulsão de gargalhadas, o dono da tasca contentou-se, e accommodou em sua casa o seu unico hospede.

Desde esse momento, a vida de Elesbão foi uma sequencia de innocentes delicias.

O hospede nunca se tirava do quarto; olhava com uma alegria ineffavel aquelle precioso quintalinho habitado por uma donzella, prisioneira dos dotes da mais despotica fealdade.

A alma de Elesbão era a unica que podia comprehender a alma de Bibiana. Todos os pensamentos interiores da donzella se repetiam como uma mensagem do telegrapho electrico no cerebro do mancebo; era inevitavel uma mutua sympathia!

Bibiana, que não tinha visto rosto humano havia muito tempo, sensibilisou-se no intimo do seu aborrecimento pela attenção benevola que o generoso visinho lhe dispensava.

Estes dois entes, expulsos da sociedade por um crime physiologico, aproximaram-se n'um interesse commum; cada um comprehendeu que fóra d'elles dois, não havia para ambos senão deserto, fastio e desespero.

Nunca se haviam fallado, e já tinham dito tudo. Elesbão preparou-se um dia com o seu trajo de fazer visitas, e apresentou-se, mais feio ainda que de costume, em casa da senhora Palhares.

Uma luz crepuscular assombreava a sala; era um habito da casa conservar tudo n'uma penumbra protectora, por causa da menina.

Elesbão, conforme o leitor suppõe, não caiu em pedir que abrissem as janellas; o *Fiat lux* haveria expirado em seus labios.

A senhora Palhares, que tinha guardado para si alguma coisa da fealdade atroz que tão generosamente concedêra a sua filha, cobriu-se com um leque, apesar do claro-escuro da sala, e designou uma cadeira ao visitador.

E logo Elesbão, com uma voz cheia de melodia e de seducção, expoz eloquentemente o fim da sua visita, e pediu a mão da menina Bibiana.

A mãe balbuciou uma resposta com enleio; o sentido da resposta era, pouco mais ou menos, este:

— Mas, senhor, creio que vossa senhoria não conhece minha filha, nunca a viu: se tivesse a desgraça de a ver, fazia decerto o mesmo que o nosso primo Mamede, de Pernambuco! O que se atreve vossa senhoria a pedir-me! Que imprudencia!

Elesbão pareceu não comprehender o sentido da resposta materna, mas disse com uma delicadeza encantadora.

— Eu conheço a menina Bibiana, tenho tido o gosto de a ver differentes vezes, gosto d'ella como de mim proprio, não posso ter outra esposa senão ella, e a sua recusa, minha senhora, causaria a minha desesperação!

Em seguida, deu explicações ácerca da familia a que pertencia, da sua fortuna limitada, e do seu gosto pela solidão e pela obscuridade.

A senhora Palhares, n'esta primeira visita, não disse que sim nem que não; pediu oito dias para meditar.

É facil de adivinhar que esta demora não prejudicou os negocios de Elesbão.

A menina Bibiana acceitou-o por esposo, baixando os olhos e a voz n'um sentimento de gracioso e virginal pudor.

Certa manhã, as tochas do hymeneu brilhavam na egreja de Santa Isabel, como estrellas que alumiassem um ceo de tempestade.

Os esposos ajoelharam diante do altar e juraram-se fidelidade, tal qual como os outros.

Eram Elesbão e Bibiana.

Depois da ceremonia, os padrinhos recusaram sentar-se á mesa e jantar com os noivos. Elesbão agradeceu-lhes, e elles pozeram-se em fuga, com as mãos abertas sobre os olhos fechados.

Elesbão, tendo obtido o consentimento de sua sogra, deixou Campo de Ourique, e veiu estabelecer-se com sua mulher na sua terra natal, que era o Caramujo; elle adorava o Caramujo, sua patria, como todo o homem de bem.

Quando os caramujenses souberam que Elesbão havia reapparecido, e d'esta vez com um supplemento de fealdade conjugal, fizeram logo rebentar symptomas de insurreição.

Os cabos de policia assustaram-se. Houve grupos na praia, e de noite andou o regedor passeando diante da casa dos noivos.

No dia seguinte appareceu um edital convidando os bons cidadãos a socegarem, sob pena de applicação das leis policiaes.

Esta *falla*, como lhe chamava o povo de Cacilhas, tranquillisou os espiritos; a praia tornou-se viavel, mas o interior das casas andava a ferver: cada rua era uma dupla linha de volcões... com numeração.

Elesbão, forte com a protecção da lei, forte pela sua innocencia, e nada receando d'este mundo desde que duplicára a sua existencia pelo casamento, tornou-se outro homem, exceptuando a fealdade.

No primeiro domingo saiu desaforadamente com sua esposa, e foi passear para o caes, á tarde, misturando-se entre os humanos.

D. Bibiana, feliz por ser amada, pavoneava-se docemente encostada ao braço do seu homem, e, da altura do seu triumpho, parecia arremessar o insulto ás familias que passeavam, com physionomia carregada de dissabores domesticos, e de paixões mesquinhas e burguezas.

Elesbão, radiante de legitima voluptuosidade, inclinava a cabeça sobre o ouvido de sua mulher, e derramava-lhe ondas de ternura conjugal, capazes de levar ao delirio as esposas dos anjos, se as tivessem.

Esta exposição de felicidade nupcial em face do publico, exasperava os passeantes, e assim que a tempestade parecia imminente, o regedor ia de familia em familia, e apagava o incendio, prégando respeito á lei.

Felizmente, o publico nunca faz por muito tempo a mesma coisa...

Elesbão e sua esposa não recuando diante da exasperação, o publico recuou diante da sua injustiça.

Insensivelmente este horrendo par, a poder de se

impor aos passeantes, com o auxilio da Carta Constitucional, habituou os olhos a verem-no.

Um dia, o regedor, homem de uma prudencia sem limites, dirigiu-se publicamente a Elesbão, e fez-lhe a honra de uma conversação familiar; ainda mais: como Elesbão se afastasse um momento para atar os cordões de um sapato, o regedor offereceu o seu braço municipal á sra. D. Bibiana, que por um tris não succumbiu a um ataque de felicidade... fulminante.

Desde esse domingo memoravel, a população amnistiou a duplice fealdade dos esposos Elesbões, e até duas familias da terra chegaram a convidal-os para jantar.

Em breve tornaram-se os noivos da moda.

Citava-se por toda a parte a graça que tinham, a amabilidade, o espirito; não se conheciam conjuges mais ditosos.

Todas as mães desejavam uma felicidade similhante para suas filhas.

Um incidente esperado e inesperado ao mesmo tempo, acabou de popularisar os dois esposos; D. Bibiana deu á luz uma criança, linda como as estrellas.

Com esta noticia, o affecto publico elevou-se até ao enthusiasmo.

As senhoras quizeram todas ver o menino.

Foi preciso regular a ordem do espectaculo: o regedor poz dois cabos de policia á porta; dir-se-hia que era uma representação em beneficio do Taborda!

Elesbão implorava o ceo que lhe diminuisse a sua felicidade, para não humilhar os outros consortes, que, para dizermos a verdade, em geral não costumam ser muito felizes, principalmente os que não são bonitos!

O ceo, que devia compensações a Elesbão, pelos seus antigos infortunios, não quiz dar-lhe ouvidos; presenteou-o no fim de outros nove mezes com uma menina de incomparavel belleza.

O administrador, até o administrador! — reclamou a honra de ser padrinho. Aquelle baptismo foi uma festa como não ha memoria.

Ó conjuges ditosos, que estas paginas lerem, dêem ellas mais um raio á vossa lua de mel, que viverá por tanto tempo como o sol dos nossos dias.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

PAZ ENRE PORTUGAL E HESPANHA EM 1668

Divulgára-se em Portugal que no conselho de Castella se accordára conceder a paz a Portugal, qual este reino podia desejal-a.

Como era facil de julgar, o infante D. Pedro, já governando pelo impedimento de seu irmão D. Affonso VI, estava cercado de difficuldades infinitas, e ainda que parecia bem intencionado ácerca do respeito que devia á alliança franceza, podia, de um momento para o outro, forçado pela necessidade, ceder á inclinação publica, que era toda paz.

Em principios de dezembro (1667) correu em Lisboa a noticia de que o conde de Sandwich, embaixador de Inglaterra em Madrid, proximamente partiria da capital das Hespanhas para Portugal, como medianeiro portador do projecto de tratado de paz entre as duas coroas. E não eram isto só vozes populares. O enviado da Gran-Bretanha n'esta côrte, Southwell, as confirmava officialmente ao secretario de estado portuguez.

Assim que o ministro de França teve d'isto conhecimento, procurou todos os meios para impedir communicações com aquelle negociador. Conferenciando com o duque de Cadaval, e com o secretario de estado Pedro Vieira da Silva, nem porque lhe deram todas as seguranças de que o governo portuguez, qualquer que fosse o seu procedimento, não esqueceria os interesses da França, nem faltaria ao que devia á sua alliança, descançou um momento.

A rainha de Portugal (princeza de Aumale), um dos conductos por onde o enviado francez recebia novas do que se passava nas regiões do governo, foi tambem n'esta occasião quem o poz de sobre-aviso, e lhe deu logar a que começasse a desenvolver incomparavel actividade para salvar os interesses politicos que n'esta corte representava. Os documentos dos esforços do abbade Saint-Romain, pelo que concorrem a resuscitar alguns personagens e quadros secretos da nossa historia, são por certo dignos de se archivarem integralmente n'estes desalinhados apontamentos, que o amor da verdade, não menos que o das coisas patrias, nos tem levado a publicar.

Para conseguir os seus fins, o que procurava mais era estabelecer entre os portuguezes a desconfiança das intenções e propostas hespanholas.

Leiamos esta primeira memoria de Saint-Romain á rainha, já a este tempo recolhida no convento da Esperança, em quanto corria a causa da nullidade do seu casamento com D. Affonso VI:

«A rainha permittirá, se for do seu agrado, que lhe recorde, que ao aviso que S. M. houve por bem dar-me pessoalmente, das propostas que os castelhanos fazem para a sua paz particular com Portugal, respondi:

«1.º Que rendia mui humildes graças a S. M., ao infante e aos ministros, pela participação que me davam d'esta novidade, cumprindo a obrigação do tratado da liga, e observando o exemplo que a França acabava de dar por minha intervenção.

«2.º Que olhava este proceder dos castelhanos como artificio, n'elles commum, para suscitar divisão, não só entre Portugal e seus alliados, mas dentro mesmo d'este estado, a respeito do qual todos os seus passos, e principalmente as consultas que não ha muito tempo fizeram ácerca d'esta paz com Portugal, testimunhavam exuberantemente, que só os animavam damnadas intenções.

«3.º Que não duvidava que S. M., o infante e os ministros não conhecessem bem o designio dos castelhanos, e não o previssem nem frustrassem por uma resposta a proposito, e declaração similhante á que el-rei meu amo fizera de não querer escutar proposta que não fosse para uma paz commum com Portugal, como foi convencionado pelo tratado de alliança.

«4.º Que para não cair nos inconvenientes em que os castelhanos queriam lançar Portugal, era conveniente dar a saber ao embaixador de Inglaterra, antes que partisse de Madrid, que o não poderiam receber n'este reino, nem ouvil-o, se viesse apenas propor paz particular contra a honra e fidelidade da nação portugueza.

«5.º Que só este procedimento e a fidelidade reciproca dos dois reis alliados podia obrigar os castelhanos á paz commum, qual era estipulado no tratado; e além d'isso tornal-a segura e honrosa.

«El-rei meu amo usou e usará sempre d'este modo. Supplico por isso a S. M., ao infante e ao conselho, usem tambem assim por sua gloria, e pelo bem presente e futuro d'este reino.»

Como se as considerações d'esta memoria não fossem sufficientes para acautelar os espiritos, a quem Saint-Romain queria prevenir contra as propostas hespanholas, sem grande intervallo de tempo endereçava á rainha segunda memoria n'estes termos:

«É certo que os castelhanos não esperam nada menos das coisas que se passam em Portugal, que occasião e meios de reganharem este reino pelas intrigas e facções. Os seus partidarios, e os proprios prisio-

neiros o testimunham abertamente; e se por vozes vagas e vãs espalham por todos os lados, que querem conceder a paz a Portugal como elle a deseja, e solicitam o embaixador de Inglaterra a vir de Madrid a Lisboa com este pretexto de paz, é isto artificio para augmentar a divisão e perturbação que imaginam haver no interior d'este estado, e adiantar o plano que tem de se tornarem seus senhores. Com effeito ninguem ha de senso commum e de experiencia que pense, ao menos, que os castelhanos queiram agora no meio d'estas grandes esperanças de que se lisonjeam, vir offerecer a Portugal a paz, que até aqui recusaram, com tamanha obstinação, ás mediações instantes do rei de Inglaterra.

«Os ministros de Portugal comprehenderam bem este artificio, e o mau effeito que podia produzir a vinda e estada do embaixador de Inglaterra n'esta cidade, acompanhado dos castelhanos que o conselho de Madrid julgasse dever dar-lhe a titulo de tratarem de paz; e sabiamente ordenaram que os prisioneiros auctores d'estes boatos fossem melhor guardados, e se não deixasse entrar em Portugal ninguem de Castella, fosse qual fosse a sua qualidade e condição, sem prévio aviso a el-rei de Portugal. Mas como a vinda d'este embaixador para a fronteira podéra agitar os espiritos, com a opinião e clamores que não faltariam a surgir por toda a parte, de que traria com effeito a paz, podendo talvez haver inconveniente em o não receber, e despedil-o de lá; sem duvida o melhor e mais seguro para o bem e quietação d'este reino e de quem o governa, é que este embaixador não appareça na fronteira e não sáia de Madrid; e isto póde conseguir-se sem difficuldade, e com toda a casta de razão e delicadeza, declarando-se aqui ao enviado de Inglaterra, como el-rei christianissimo o declarára em França aos ministros mediadores, a obrigação reciproca do tratado de liga e alliança, de não receber nem escutar proposta de paz particular, rogando a este enviado que advirta d'isto o embaixador de Inglaterra, que está em Madrid, a fim de que se não deixe persuadir pelos castelhanos de vir aqui para tal fim, porque não podia ser recebido com taes propostas.

«Parece tambem muito a proposito examinar cuidadosamente todas as cartas que os prisioneiros castelhanos expedem e recebem, e reter quantas fallem de negocios de estado. Por este modo os dois reis alliados não só tornarão vãos e inuteis todos os artificios de Castella, mas cedo a obrigarão a uma boa paz commum, unica que a Portugal e a França convem.»

Em reforço a estas duas memorias entregues á rainha, produz Saint-Romain, no dia 3 de janeiro de 1668, a seguinte instancia, nominalmente feita ao rei de Portugal, para a execução do artigo 7.º do tratado de alliança e liga com a França:

«O abbade de Saint-Romain representa com todo o respeito a el-rei de Portugal, que em conformidade do tratado de alliança e liga, el-rei christianissimo, seu amo, declarou aos ministros dos principes, que lhe offereceram mediação para a paz com Castella, que não queria nem devia escutar nenhuma proposta de paz, que não fosse commum para a França e para Portugal, que pelas cartas de 18 de setembro passado ordenára ao dito abbade convidasse da sua parte el-rei de Portugal; (e isso fizera) a fim de enviar, o mais depressa possivel, seus ministros a Paris, para, de accordo com sua magestade christianissima, considerarem as propostas que se podiam fazer este inverno para chegarem a essa paz commum: e que, na disposição presente dos negocios e dos espiritos d'este reino, era necessario, para prevenir os artificios dos castelhanos, e não cair nas difficuldades e inconvenientes em que parece quererem os hespanhoes lançar o actual governo de Portugal, que sua magestade fidelissima declarasse tambem ao enviado de Inglaterra em Lisboa, que não deve nem quer attender nenhuma proposta de paz, que não seja commum para os dois reinos, encarregando-o de advertir d'isto immediatamente os outros ministros del-rei seu amo que residem em Madrid, a fim de que não recebam, nem elles nem elle, nenhuma commissão dos castelhanos, no tocante a Portugal, que seja contraria a esta obrigação reciproca dos dois reis alliados. Suas magestades obrigaram-se expressamente pelo art. 7.º do seu tratado de liga, a fazerem esta declaração para accelerarem a sua paz commum, tirando assim toda a esperança aos inimigos de poderem negociar paz particular. E pois vê aqui ainda outras razões mui consideraveis de tal declaração, e o rei christianissimo a faz já por sua parte, o abbade de Saint-Romain, para cumprir o seu dever, supplica mui humildemente el-rei de Portugal, que dê ordem para que n'esta conjunctura façam tambem da sua parte egual declaração ao ministro del-rei de Inglaterra que está n'esta corte.

«Lisboa, 3 de janeiro 1668.»

(Continúa) JOSÉ DE TORRES.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

PERGUNTA

Vejo que ha tal variedade no emprego do verbo *lembrar*, no sentido de *ter lembrança, recordar-se, lembrar-se* alguem de pessoas ou coisas, que não sei qual o seu verdadeiro e grammatical emprego.

Uns dizem e escrevem: Não me *lembro* onde li esta noticia. Outros: Não me *lembra*, etc. Uns: Agora me *lembro*. Outros: agora me *lembra*.

E o caso é que folheando alguns livros de auctores classicos, acho a mesma variedade.

Como n'este ponto hesitam os que desejam fallar e escrever correctamente, peço a v. se digne resolver, com a sua auctoridade, esta duvida. — *M. de V.*

RESPOSTA

Com a nossa auctoridade não, com a dos escriptores, que a tem n'estes assumptos, e com a boa grammatica responderemos á duvida proposta.

O que motiva, nos parece, a hesitação que aponta o nosso correspondente, é não se attender que o verbo *lembrar* tem duas naturezas: é activo e neutro, ou mais propriamente, transitivo e intransitivo. Nas phrases indicadas, o verbo lembrar toma-se na accepção intransitiva. Logo deve dizer-se e escrever-se *lembra* e não *lembro*, nos exemplos acima referidos, e em similhantes, taes como:

Ainda me *lembra* com saudade o tempo de Coimbra. *Lembra-me* ter visto já esta cara. Agora me *lembra* que tenho lição de tarde. Se bem me *lembra*, a data é esta.

A grammatica assim o pede; entretanto, diz bem o nosso correspondente que os auctores classicos não são conformes, ás vezes até na mesma pagina. Comtudo póde haver n'isto erro de imprensa ou desattenção. O certo é que a maioria escreve como nós acabâmos de exemplificar.

Abrindo agora o livro de um auctor que o *Diccionario da Academia* recommenda pela «cultura da dicção, gravidade de estilo e pureza de phrase,» achâmos logo o seguinte exemplo.

«Não me *lembra* que em minha vida commettesse mais que tres peccados (falla do papa Innocencio III). Fr. Antonio das Chagas. *Sermões Genuinos*, pag. 160.